



Uma Aventura em Macau

Ana Maria Magalhães , Isabel Alçada , Arlindo Fagundes (Illustrator)

[Download now](#)

[Read Online ➔](#)

Uma Aventura em Macau

Ana Maria Magalhães , Isabel Alçada , Arlindo Fagundes (Illustrator)

Uma Aventura em Macau Ana Maria Magalhães , Isabel Alçada , Arlindo Fagundes (Illustrator)

Macau fica na China. E na China é tudo diferente. Quando o grupo é seleccionado para esta longa viagem fica delirante. À chegada as coisas complicam-se porque nenhum deles fala chinês, não conseguem comunicar e perdem-se no emaranhado de ruas labirínticas repletas de painéis tão vermelhos e tão dourados que acabam por se tornar assustadores. Quem lhes vale é Tang, um rapaz simpático que se prontifica a servir de guia.

Tudo parecia bem encaminhado quando começam a ser perseguidos por um bando vestido à oriental que os ataca sem motivo e os bombardeia com o número 14, que na China é considerado número de azar, sinal de morte certa.

Uma Aventura em Macau Details

Date : Published 1998 by Editorial Caminho (first published 1995)

ISBN :

Author : Ana Maria Magalhães , Isabel Alçada , Arlindo Fagundes (Illustrator)

Format : Paperback 218 pages

Genre : Childrens

 [Download Uma Aventura em Macau ...pdf](#)

 [Read Online Uma Aventura em Macau ...pdf](#)

Download and Read Free Online Uma Aventura em Macau Ana Maria Magalhães , Isabel Alçada , Arlindo Fagundes (Illustrator)

From Reader Review Uma Aventura em Macau for online ebook

Bartolomeu De Bensafrim says

Macau fica na China. e na China, por algum motivo insondável, as pessoas não falam português nem comem bitoques ao pequeno-almoço. quando o grupo é seleccionado para ir à China fica delirante. o Pedro desata a ver a equação de Dirac reflectida na testa das pessoas e derrama-se no chão, a rir e a babar-se. o João senta-se no chão a ver os seus polegares discursarem - o polegar esquerdo recita fragmentos do Banquete de Trimalquião, o direito debita os valores nutritivos de uma embalagem de cinco quilos de bacon *light*. a Teresa percebe que lhe restam cerca de 44 minutos de fertilidade e desata a procurar possíveis inseminadores. Luísa, imbecil como sempre, pára em frente de um espelho a ver rugas nos dentes, e os cabelos a caírem no chão, e o seu rabo a borbulhar com celulite terminal. os cães correm para a rua, sabe deus para fazer o quê. deus sabe, sempre.

à chegada as coisas complicam-se porque apercebem-se que nenhum deles fala chinês - afinal de contas, quem não toma o mandarim e o cantonês como algo tão adquirido quanto um polegar oponível. ainda por cima, a China revelou-se um labirinto de ruas e caras amarelas a comerem cães vivos. membros das tríades seguravam pessoas que eram partidas ao meio, que nem tábuas, por cinturões tão negros que arrastavam matéria na sua direcção. mas a esquálidez das ruas, a sodomia em massa de trigo ou arroz, ou o cronómetro dos homicídios, pouco impacto tinham sobre os jovens - porque os seus olhares haviam encontrado o mais puro dos terrores em painéis tão vermelhos e tão dourados que ai meu deus! as miúdas, frágeis e cagadiças como todas as mulheres do mundo, deixaram-se cair no chão, derrotadas. os rapazes, mesmo sendo naturalmente portentosos, corajosos e dignos do mais profundo respeito (como todos os homens do mundo), tampouco puderam suportar a visão dos painéis. e as ruas serpentearam, castanhas.

quem lhes vale é Tang - um rapaz-em-pó ao qual basta adicionar água. o rapaz explica-lhes que os painéis são apenas informativos ou publicitários, e que os caractéres negros são o correspondente chinês às letras do alfabeto latino. os jovens relaxaram e decidiram procurar meias de linho, mas subitamente um bando - que por algum motivo insondável envergava, no Oriente, roupas orientais - decide atacá-los sem qualquer motivo. arremessam, aos nossos heróis, afiados medalhões que ostentam o número catorze gravado. um dos bandidos comunica ferozmente num aparelho de rádio, gesticulando e apontando para os jovens. os céus não tardaram a receber no ventre o som metálico dos bombardeiros. as crianças ladravam, na rua, enquanto Faial ensinava Caracol a comer chineses.

na cidadela, o Mandarim escrevia no seu espelho: *não tenho medo do Faial, não tenho medo do Faial*. foi interrompido por um alquimista que lhe trouxe um batido com os testículos de 36 diferentes espécies em vias de extinção, mercúrio e sementes de chia.

o Mandarim aproximou-se do seu auscultador mágico - o búzio das Bijagós - e levou-o ao ouvido. e ouviu isto:

as pessoas aterraram simbolicamente no chão, com o queixo, diagonais eternas. a água durará 44 minutos. um espelho no espelho, ela curva-se, vê a romã dos músculos e olha para o elmo da abelha. saber o que Deus fará é o destino de cada um dos cães que não têm direito a teta. as chagas dos seus focinhos doridos serão o farol da fartura.

os chineses não podem falar porque o Vladimir não deixa. os três membros foram divididos em duas partes e reuniram-se com as pessoas na mesa. é lamentável que o trigo ou o arroz não afectem novas pessoas ou seres humanos - porque os olhos deles são finos e brancos. como todas as mulheres do mundo, os pontos fortes e os poderes das meninas são escondidos e trabalhados pelas plumas dos antepassados a ferro.

a nossa cobardia é o tecto perfeito para dunas e sombras. os adolescentes pegam fogo aos pais, removem os travões dos carros, aceleram, e espalam-se contra muros alcoolizados (sim, os muros). o último adulto do mundo grita com voz grossa, na rádio abandonada, e os jovens descartam as suas roupas austríacas.

a guerra durou anos para os que permaneceram vestidos, catanas em riste, olhos borrados de medo. anos a comerem todas as merdas enlatadas dos supermercados abandonados, a dormirem e a limarem os perfis de facebook. passado um milénio o homem da rádio gira-se na sua cadeira enferrujada e, finalmente, conhece as trombas do silêncio. os últimos frutos recusam-se a cair das árvores e estas, sem nada a perder, inspiradas pelas infinitas possibilidades de um fim eminentíssimo, decidem ser elas a subir. e partem pelos céus afora soltando gargalhadas limpas que ecoam pelo esófago das grutas abaixo e despertam os morcegos para um mundo novo - possivelmente melhor.

o Mandarim puxa o lençol de ópio até aos queixos e sente os pés a ficarem descobertos. é de imediato acometido por um medo, uma noção de que algo está errado. os pés destapados e frios e a incapacidade de chamar um criado. quanta dor. depois suspira e entrega-se ao caos universal. na sua cómoda o gato diz adeus e adeus e adeus. e adeus.

e o velho Mandarim, comovido com a visão do seu próprio fim, cansado, terrivelmente cansado, como se suportasse sobre as costas, num descomunal cântaro de barro, os milhões de lágrimas que as gentes e os milénios o obrigaram a conter. por fim desliga o búzio, e encolle-se num cantinho.

Lily E says

3 estrelas - grande leitura da minha pré-adolescência!
